

## LUTERO E MÜNTZER

Joachim Fischer

De 14 a 19 de agosto de 1988 realizou-se em Oslo, capital da Noruega, o 7º Congresso Internacional de Pesquisas em Lutero. O tema geral foi: "Responsabilidade pelo mundo — as intenções de Lutero e seus efeitos". Deste tema abrangente tratou o presidente do congresso, o teólogo luterano Dr. Inge Lønning, Reitor da Universidade de Oslo, no discurso que apresentou na sessão solene de abertura, no Salão Nobre da Universidade. Nesta ocasião, os participantes foram saudados, entre outros, pela Ministra do Estado para Igreja e Educação; a Igreja Luterana, à qual pertencem em torno de 88% da população do país<sup>1</sup>, é estatal. A sessão encerrou com o hino "Deus é castelo forte e bom", cantado pelos presentes, em pé, em alemão e inglês.

A lista de participantes registrou 164 nomes. Tomando como referência o país em que cada um(a) atualmente reside, constata-se que 110 congressistas vieram da Europa, a saber, 32 dos países escandinavos (15 da Noruega, 8 da Finlândia, 5 da Dinamarca, 4 da Suécia), 65 das duas Alemanhas (47 da República Federal da Alemanha, 18 da República Democrática Alemã), 5 da Suíça, 3 da Itália, 2 da Inglaterra, 2 da França e um da Hungria. 36 vieram dos Estados Unidos da América, 11 da Ásia (7 do Japão, 2 da Índia, um da Coreia do Sul, um de Singapura), 3 da África (África do Sul, Tanzânia e Namíbia), 2 da América Latina (Brasil), um da Austrália e um da Nova Zelândia. Houve entre os (as) congressistas pelo menos<sup>2</sup> 13 mulheres.

Nas cinco sessões plenárias foram abordados os seguintes aspectos específicos do tema geral: a proclamação, a polêmica, a educação, o Terceiro Mundo e a política. Para cada subtema, com exceção do rete-

---

1 — Hanswilhelm HAEFS, ed., *Der Fischer Weltalmanach 1987* [O almanaque mundial Fischer 1987], Frankfurt/Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1986, p. 424.

2 — Há, além disso, alguns nomes, na lista dos participantes, nos quais não se sabe se são masculinos ou femininos.

rente ao Terceiro Mundo, houve duas palestras. Uma enfocou sobretudo as intenções de Lutero na respectiva área, a outra os efeitos concretos que as propostas de Lutero tiveram. No que diz respeito ao Terceiro Mundo, Simon S. Maimela (África do Sul) falou sobre o tema "Responsabilidade pelo mundo: as intenções de Lutero e seus efeitos na perspectiva sul-africana". J. Paul Rajashekar (da Índia, mas atualmente trabalhando e residindo na Suíça) abordou o assunto "Lutero e o islamismo: uma perspectiva asiática". A partir da América Latina, Lutero foi abordado na palestra "Refletindo sobre Lutero numa realidade submersa", de Vítor Westhelle (Brasil). Mas visto que o autor não podia estar presente, a palestra não foi proferida (e, conseqüentemente, também não discutida), mas somente distribuída, mimeografada, na versão inglesa.

Além das sessões plenárias houve 16 seminários. Cada um trabalhou, em quatro reuniões, uma temática específica. O autor deste artigo participou do seminário sobre "Lutero e Müntzer". Os 12 integrantes vieram da República Democrática Alemã (6), da República Federal da Alemanha (2), dos Estados Unidos da América (2), da Nova Zelândia (1) e do Brasil (1). Quatro participantes eram historiadores marxistas. Os trabalhos foram presididos e coordenados pelo Dr. Siegfried Bräuer, de Berlin (RDA), diretor teológico da Evangelische Verlangsanstalt, a maior editora evangélica da RDA.

Recentemente, um grupo de trabalho interdisciplinar da Academia de Ciências da RDA elaborou 14 "Teses sobre Tomás Müntzer"<sup>3</sup>. Constata, entre outras coisas, que não se conhecem nem o ano nem a data de nascimento de Müntzer, mas que possivelmente tenha nascido em 1489. Em 1989, pois, poder-se-iam comemorar os 500 anos de seu nascimento. Tendo em vista este jubileu, apresentaremos, a seguir, um breve relatório sobre o seminário supracitado.

## 1. Objetivo e método

Os trabalhos do seminário giraram em torno da pergunta: Como lidamos com personagens que, cada um de sua maneira, realizaram uma obra historicamente extraordinária, sem jamais terem discutido seriamente, um com o outro? O seminário baseou-se nos dois escritos de 1524 que representam a controvérsia **direta** entre Lutero e Müntzer, ou

---

3 — Thesen über Thomas Müntzer. *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*, Berlin, 36(2): 99-121, 1988.

seja, "Uma carta aos príncipes da Saxônia a respeito do espírito revolucionário"<sup>4</sup>, de Lutero, e a "Apologia e resposta altamente necessária à carne de Wittenberg, que carece do Espírito e vive comodamente e que sujou deploravelmente, de forma errada, a pobre cristandade pelo abuso da Sagrada Escritura"<sup>5</sup>, de Müntzer. Através de pequenos ensaios foram introduzidos e postos em discussão os seguintes temas: a história dos efeitos dos escritos, a motivação para seu surgimento, sua estrutura, sua linguagem, o conceito da palavra de Deus, a compreensão do Espírito, os conceitos de autoridade (Obrigkeit) e revolução (Aufruhr), a atitude de Lutero e Müntzer frente a marginalizados (Aussenseiter), pagãos e judeus, a apocalíptica, a autocompreensão dos dois reformadores e o interesse por Müntzer no Brasil.

## 2. Desenvolvimento

2.1. Os dois escritos supracitados representam marcos importantíssimos na controvérsia entre Lutero e Müntzer. Mas seu efeito imediato, visto dentro do contexto histórico, foi muito limitado. Foram ultrapassados pelos acontecimentos, que se seguiram com grande rapidez. Ambos os teólogos avançaram para outras posições, diferentes das defendidas naqueles escritos. Em meio à agitação da época, os contemporâneos de Lutero e Müntzer não tiveram tempo suficiente para estudar calmamente o conteúdo dos dois escritos, sua argumentação e suas implicações. Hoje, no entanto, o historiador tem melhores condições de avaliar o significado daquelas publicações.

2.2. Uma das questões controvertidas entre Lutero e Müntzer foi a da relação existente entre o Espírito e a palavra. Lutero hesitou durante muito tempo se deveria manifestar-se expressamente sobre esta questão. Tratava-se de uma questão da doutrina. Segundo o próprio Lutero, não cabia à autoridade secular ocupar-se com tais assuntos teológicos. Os teólogos de Wittenberg, pois, não podiam contar, nesta questão, sem

---

4 — Ein Brief an die Fürsten zu Sachsen von dem aufrührischen Geist. In: Martin LUTHER, *Werke*, Kritische Gesamtausgabe [Obras, edição crítica completa], Weimar, Böhlau Nachf., 1899, v. 15, p. (199) 210-21. [Edição de Weimar = WA].

5 — Hochverursachte Schutzrede und Antwort wider das geistlose, sanftlebende Fleisch zu Wittenberg, welches mit verkehrter Weise durch den Diebstahl der Heiligen Schrift die erbärmliche Christenheit also ganz jämmerlich besudelt hat. In: Thomas MÜNTZER, *Schriften und Briefe*, kritische Gesamtausgabe [Escritos e cartas, edição crítica completa], ed. por Günther Franz, Gütersloh, Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1968, p. 321-43. (Quellen und Forschungen zur Reformationsgeschichte, 33).

mais nem menos, com o apoio das autoridades da Saxônia. Quando Lutero finalmente se manifestou, dirigiu-se não apenas ao príncipe eleitor, Frederico o Sábio, mas também ao irmão (e, depois, sucessor) deste, o duque João. Achava que seria mais fácil convencer este da necessidade de tomar contra Müntzer as medidas desejadas.

Em 3 de agosto de 1524, o mais tardar, **Müntzer** teve conhecimento da "Carta" de Lutero, que havia sido impressa em fins de julho<sup>6</sup>. Esboçou sua resposta, mentalmente, ainda em Allstedt. Mas devido às circunstâncias (fuga de Allstedt em 7 de agosto), ela só foi impressa em meados de dezembro, em Nürnberg.

2.3. A **estrutura** de ambos os escritos explica-se a partir da retórica clássica. Segundo as regras da mesma, a estrutura deixa transparecer algo da intenção do autor. É, pois, importante para a interpretação de detalhes. A "Carta" de Lutero tem a forma de uma verdadeira carta somente no início, no fim e num trecho intermediário. Nas outras partes, os detalhes e os meios estilísticos empregados indicam que se trata de um discurso de acusação (em latim: oratio), como costumavam ser feitos nos tribunais.

A resposta de Müntzer tem igualmente a forma de um discurso proferido perante um tribunal. Também a escolha desta forma por parte de Müntzer é, pois, uma resposta à "Carta" de Lutero. Müntzer chama-a de "discurso de defesa" (apologia). Mas somente na primeira parte ela é defesa. Na segunda parte ela é um discurso de acusação. Müntzer contra-acusa Lutero diante de Cristo na presença do povo cristão. De acordo com a autocompreensão profética de Müntzer, o processo acontece no momento em que o profeta fala.

2.4. A controvérsia entre Lutero e Müntzer é também uma controvérsia em torno da questão da **linguagem** adequada. A de Müntzer é conscientemente popular, polêmica e mordaz, mais imaginativa do que a de Lutero. É uma linguagem com traços carnavalescos. É a linguagem do marginalizado, do profeta exilado. Através dela, Müntzer desafia a linguagem tradicional. Ter criado esta nova linguagem é a (talvez) maior façanha de Müntzer. Ao usá-la, Müntzer desmascara, diante da opinião pública, o mundo dos pastores e dos teólogos, que, na sua opinião, é um mundo corrompido pela hipocrisia. Seu julgamento sobre Lutero é duro. Para ele, o reformador de Wittenberg é um palhaço, uma figura carnavalesca que não pode nem deve ser levada a sério, pois distorce a Sagrada Escritura e bajula os grandes.

6 — WA, v. 15, p. 203.

2.5. Lutero e Müntzer são, ambos, representantes de um movimento bíblico. Mas nos detalhes há grandes diferenças teológicas entre eles. A "Carta" de Lutero é uma reflexão sobre a **palavra de Deus** no contexto de uma teologia da história. Para Lutero, a palavra e a violência são incompatíveis. O reformador de Wittenberg nega-se a distinguir entre violência contra pessoas e contra objetos. Também em sua "Carta", Lutero tenta sustentar sua compreensão de tolerância: o ministério da palavra não cabe à autoridade secular; na cristandade, o escândalo deve ser removido unicamente pela palavra de Deus.

Para Müntzer, a Bíblia constitui uma unidade. Nela, ele não distingue os dois testamentos. Está convicto de que a Bíblia existe para matar, não para vivificar. Em sua resposta a Lutero encontra-se a fundamentação teológica de sua doutrina da lei. Para que haja separação entre os escolhidos (os pobres) e os ateus é necessária a pureza da lei divina. Müntzer é da opinião de que Lutero, com sua compreensão dialética de lei e evangelho, neutraliza arbitrariamente a lei e destrói a seriedade do juízo de Deus, que é o verdadeiro centro da Escritura.

2.6. Para Lutero, o verdadeiro **Espírito** é o Espírito de Cristo. Este Espírito está disposto a suportar o sofrimento. Na pregação e no sacramento é comprovado pela palavra de Deus. É incompatível com a violência. A partir deste conceito de Espírito, Müntzer é acusado como espírito falso, traidor da pátria ("espírito revolucionário"!).

Müntzer, por sua vez, acusa Lutero de ter xingado o "espírito certo", "sob pretexto da Sagrada Escritura", como sendo um "espírito falso e um satanás".

Lutero e Müntzer estão preocupados com a verificação ou distinção dos espíritos. Cada um está convicto de, em última análise, ser o único capaz de fazê-lo. O critério da verificação é, para Lutero, a Escritura pregada, enquanto que Müntzer quer que todos (e todas) ouçam diretamente a "voz viva".

2.7. Segundo Lutero, o poder da espada cabe à **autoridade secular**, de acordo com Rm 13, desde o início da história, para que os bons sejam protegidos e os maus, castigados.

Müntzer baseia-se igualmente em Rm 13, mas desenvolve um conceito totalmente diferente de autoridade secular. Esta é ministra da espada. Usa-a para que o verdadeiro evangelho se imponha aos ateus. Müntzer atribui o poder da espada à comunidade inteira. Nisso desaparecem as experiências que fez em Allstedt. Ao apontar, neste contexto, para o pobre, destaca o aspecto social da realidade. Ter reconhecido que

as relações de propriedade são a base social de toda dominação é, para aquele tempo, uma noção singular.

2.8. Lutero sempre rejeitou energicamente a idéia de que o evangelho, pregado por ele, levaria à **revolução**.

Em Müntzer, inicialmente não há afirmações positivas sobre a revolução. Numa etapa posterior fala ocasionalmente de revolução ou rebelião não justificada ("unfüglicher Aufruhr"). Parece pressupor, pois, que existe também revolução ou rebelião justificada ("füglicher Aufruhr"). Em sua "Apologia", ele passa da afirmação condicional à afirmação incondicional da revolução. Fala, neste escrito, como pastor e teólogo, não como político ou líder camponês. Conheceu os objetivos do movimento camponês, mas jamais se identificou plenamente com os mesmos. Não estava preocupado com o problema da propriedade como tal. Ele se vê confrontado com este problema quando ele se pergunta: O que, afinal de contas, impede as pessoas de se abrirem para a palavra de Deus? É esta pergunta teológica que move a Müntzer. Para ele, o impedimento é o egoísmo, ou, visto de outro ângulo, a falta de interesse pelo bem comum. Desta maneira, o fazer teologia de modo radical leva-o à ação revolucionária.

2.9. Lutero e Müntzer qualificam-se mutuamente como hereges, colocando o outro no mesmo nível dos **marginalizados**, sobretudo dos **judes**. A principal característica dos marginalizados (Aussenseiter) é, para Lutero, o fato de que usam a violência, e, para Müntzer, o fato de que rejeitam a doutrina da revelação direta do Espírito. Ambos afirmam que os marginalizados (inclusive os pagãos e os judeus) carecem do Espírito. Porém, cada um entende o Espírito de maneira diferente.

2.10. Em Lutero, o **apocalíptico** é mais evidente do que em Müntzer (e nos reformadores humanistas). Nos anos posteriores de sua vida torna-se mais forte ainda. Tomou a forma de consciência de crise com traços de resignação.

Müntzer tem uma consciência de conflito muito forte, de caráter quiliasta. Essa consciência tem, por assim dizer, uma moldura apocalíptica, pois a consciência geral da época é apocalíptica. Müntzer espera que a situação de perfeição se estabeleça já aqui na terra.

2.11. "**Autocompreensão**" é um termo moderno, não existente no século XVI. É mais adequado à época da Reforma falar-se de uma consciência de se ter uma missão (ou: um compromisso) (Sendungsbewusstsein). Neste sentido, a Reforma é, para Lutero, uma causa bem pessoal, sua. Pressupõe que a palavra de Deus está de seu lado. Está convicto de

ter sido capacitado, por esta mesma palavra, para julgar doutrina correta e falsa. Identifica-se com a pessoa do apóstolo Paulo, entendendo-se a si mesmo como figura exemplar. Sem qualquer hesitação reclama para si o papel de quem realmente foi convocado por Deus.

Müntzer, por sua vez, vê seu destino à luz da história da paixão. Entende ser aquele que leva a Reforma à conclusão, não apenas aquele que vem em segundo lugar (após o iniciador, Lutero, que, segundo sua opinião, fracassou). Está convicto de ser o pregador sério da boa-nova, o profeta que possui o Espírito, nos moldes de 1 Co 14.

Ambos os teólogos, pois, têm a firme convicção de possuírem a verdade. Isso é, por um lado, a condição para sua atuação histórica. Mas, por outro lado, incapacita-os para o diálogo. Inexoravelmente executa-se a separação. Hoje, não se pode admitir, desta maneira, que, por causa de um programa, se passe por cima de pessoas.

2.12. Na perspectiva da **historiografia brasileira**, a Reforma como um todo é um fenômeno marginal. Isso vale, conseqüentemente, também para um tema específico como "Lutero e Müntzer". Há bem poucas contribuições próprias para este tema, em língua portuguesa<sup>7</sup>. De Lutero tratam sobretudo as exposições da História da Igreja, principalmente as de autores evangélicos. Neste contexto — via Lutero, portanto — aparece também Müntzer. A América Latina foi explorada, durante séculos, pelo sistema colonial. Os milhões de oprimidos da atualidade são um dos resultados daquela história. A partir desta situação há, entre teólogos evangélicos ecumenicamente abertos (sobretudo luteranos), certa simpatia por Müntzer como o reformador que, numa ação revolucionária, lutou pelos marginalizados e injustiçados de seu tempo. Na teologia da libertação católica, Müntzer ainda não foi descoberto como possível "companheiro na caminhada da libertação" (Leonardo Boff), ao contrá-

---

7 — Ao confeccionar a Bibliografia luterana brasileira [BLuB] 1960 - 1986 (in: Martin N. DREHER, org., *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo, Sinodal, 1988, v. 3, p. 87-154), encontrei somente as seguintes publicações: Martin DREHER, O profeta Thomas Müntzer, Thomas Müntzer, um profeta?, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, 42(165): 128-43, mar. 1982; *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 22(3): 195-214, 1982. — Paulo F. FLOR, Lutero e os radicais de seu tempo, *Igreja Luterana*, Porto Alegre, 44(1): 18-24, 1. trim. 1984. — Mário L. REHFELDT, Lutero e a guerra dos camponeses, *Igreja Luterana*, Porto Alegre, 30(3/4): 103-10, 1969. — Julio de SANTA ANA, Lutero e os movimentos sociais na Alemanha durante o período de 1517 - 1525, *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 15(37): 337-49, set./dez. 1983; *Caminhando*, São Bernardo do Campo, 2(2): 53-65, 1984.

rio do que aconteceu com Lutero<sup>8</sup>. A América Latina é um continente fortemente co-moldado pelo catolicismo. Este viu a guerra dos camponeses na Alemanha (1524/25) tradicionalmente como um dos resultados inevitáveis do movimento "herético" da Reforma. Essa visão em parte existe ainda hoje, como evidencia a seguinte citação:

"(...) a heresia de Lutero provoca uma série de revoltas sociais. (...) a pregação de Lutero espalhou o veneno da revolta principalmente entre a gente do campo (...). Bandos desatinados andam de cidade em cidade destruindo conventos, castelos, abadias, fortalezas..."<sup>9</sup>.

### 3. Conclusões

O seminário mostrou como a pesquisa sobre Müntzer e sua relação com Lutero está avançando, hoje em dia. Não levou a resultados definitivos nem a teses conclusivas. Não houve consenso sobre os diversos aspectos do tema. Nem sequer era a intenção do seminário estabelecer tal consenso. É muito importante que o tema não foi discutido somente por teólogos. Historiadores cristãos e marxistas estudaram em conjunto o assunto "Lutero e Müntzer". Foi diferente do passado, quando cada lado se dedicou, apologeticamente, a "seu" personagem. Naquela etapa, o critério para a avaliação da relação entre Lutero e Müntzer foi, via de regra, entre os teólogos, a pergunta pelo profeta verdadeiro e o profeta falso. Entre os marxistas, o critério foi a pergunta pelo líder revolucionário das massas exploradas. Na ótica dos teólogos luteranos, Lutero foi o verdadeiro profeta, Müntzer o falso. Na ótica dos marxistas, Müntzer foi o autêntico líder revolucionário, Lutero o traidor de "todos os elementos democrático-revolucionários"<sup>10</sup>. Desta vez, os interesses históricos se

8 — v. Leonardo BOFF, **E a igreja se fez povo**, eclesiogênese: a igreja que nasce da fé do povo, 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1986, p. 164-79. Neste capítulo, o "pregador Thomas Muentzer (1489 - 1525)" é apenas mencionado como líder dos camponeses. Boff baseia-se, aqui, numa publicação do historiador soviético M. M. Smirin, de 1956, e num livrinho do teólogo luterano Paul Althaus, de 1953. As duas publicações, pois, ainda não consideram os resultados da pesquisa e da interpretação recentes da pessoa e da obra de Müntzer (sobre o desenvolvimento da pesquisa até 1976 cf. Abraham FRIESEN & Hans-Jürgen GOERTZ, ed., **Thomas Müntzer**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1978, 536 p. [Wege der Forschung, 491]; sobre a mais recente interpretação marxista cf. as 14 teses citadas acima na n. 3).

9 — A. MONGE & B. SIMONETTO, **História da igreja em quadrinhos**, os doze a caminho, São Paulo, Paulinas, 1980, p. 217.

10 — Franz MEHRING, **Deutsche Geschichte vom Ausgange des Mittelalters**, ein Leitfadens für Lehrende und Lernende [História alemã desde o final da Idade Média, um manual para docentes e estudantes], 6. ed., Berlin, Dietz, 1952, p. 44.

complementaram. Cristãos e marxistas vêem Lutero e Müntzer como dois personagens históricos que se complementam mutuamente. Ambos tentaram resolver, no século XVI, problemas cuja solução era muito difícil. Até hoje tais problemas evidenciam a impossibilidade de o pesquisador tomar, frente aos mesmos, uma atitude "objetiva" ou "neutra" de aparente cientificidade. A pesquisa científica é indispensável para entender aqueles problemas, bem como os personagens de Lutero e Müntzer. Mas não há compreensão sem que se tomem consideração o contexto dos problemas e dos personagens.